



omin Loré:

**A beleza da indumentária
das yabás**

Mãe Isabel de Oyá

Mãe Isabel de Oyá

Omin Loré:

A beleza da indumentária das yabás

EDITAL POVOS TRADICIONAIS PRESENTES

PATROCÍNIO

Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

REALIZAÇÃO



EDIÇÃO



Omin Loré: A beleza da indumentária das Yabás - por Mãe Isabel de Oyá

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da autora.

Preparação de originais

João Pedro Monteiro Lima da Silva

Revisão

Virginia Candido da Silva

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

William Cruz

EDITAL POVOS TRADICIONAIS PRESENTES

PATROCÍNIO

Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

REALIZAÇÃO



EDIÇÃO



Oyá, Mãe Isabel. 2023 -

Omin Loré: A beleza da indumentária das Yabás / Mãe Isabel de
Oyá. - Rio de Janeiro : IAB Editora, 2023.

ISBN:

1. Indumentária 2. Yabás 3. Camdomblé

www.afoxeraizesafricanas.com.br

Dedicatória

Dedico este livro a minha Mameto Adelia Alves da Silva (Dimeui) em agradecimento por ter me iniciado na religião do Candomblé no dia 17 de janeiro de 1976, quando nasci para o Orixá Iansã. Recebendo a digina de Oyá Guerê.

Os anos se passaram e com falecimento da minha mãe, dei continuidade a minha espiritualidade com o Pai de Santo Sr. Paulo da Pavuna.

Hoje, tenho um Axé plantado, sou uma Yalorixá e dedico minha vida e tempo aos Orixás.

sumário

Apresentação.....	9
Introdução.....	13
Capítulo 1: Aprendizado com os mais velhos.....	17
Capítulo 2: Breve Histórico.....	21
Capítulo 3: As Yabás.....	25
Capítulo 4: Traços da Indumentária tradicional.....	31
Capítulo 5: Beleza abençoada nas águas ancestrais.....	37

Apresentação

O Ilê Omin Lorê Axé Pavuna é uma casa de candomblé de Nação Ketu, sediada no bairro Piam em Belford Roxo e gerida pela Ialorixá Maria Isabel Vitorino, a Mãe Isabel de Oyá. Além de zeladora do axé, Mãe Isabel de Oyá é também importante ativista cultural e promove diversas atividades voltadas ao compartilhamento de seus saberes ancestrais e valorização da cultura afro-brasileira.

Na esteira dessas atividades culturais e do notório saber de Mãe Isabel de Oyá, a comunidade tradicional do Ilê Omin Lorê Axé Pavuna foi agraciada pelo edital de premiação de chamada emergencial nº. 006/2021 *Povos Tradicionais Presentes RJ* promovido pela Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Estado do Rio de Janeiro, que possibilitou a produção desta obra.

Assim, o Ilê Omin Lorê Axé Pavuna promoveu no dia 11 de setembro de 2022 roda de conversa entre importantes lideranças do candomblé a respeito da indumentária sacra das Yabás – Orixás que trazem a energia feminina – destacando práticas, hábitos e elementos dessa tradição que merecem o presente registro a bem da preservação da memória, da ancestralidade e, enfim, do patrimônio cultural negro fluminense.

O registro que o leitor terá acesso nas próximas páginas é produto da compilação de imagens, falas, ensinamentos e da compreensão expressa pelas importantes lideranças do culto de Matriz Africana reunidas na sede do Ilê Omin Lorê Axé Pavuna e se presta a resguardar e divulgar elementos da cultura popular de matrizes africanas e, assim, colaborar na luta contra a intolerância religiosa.

A compreensão que justifica esta publicação é de que a ignorância sobre o que são as religiões de matrizes africanas é um dos motores da violência contra o povo preto e demais adeptos dessas religiões.

Omin Lorê é fruto da luta e dedicação de Mãe Isabel de Oyá, que nesta iniciativa divulga um pouco de seu saber com grande público visando combater a ignorância e o apagamento, acreditando que assim dias melhores virão para o povo do Santo.

Somam-se aos conhecimentos e vivências de Mãe Isabel, aqueles expressos pelos griots convidados para a tarefa, zeladoras e Zelador de Santo que mantêm a tradição da confecção das vestimentas sacras em suas respectivas comunidades e famílias de santo. Os griots convidados merecem destaque nessa edição também por sua sabedoria e suas importantes trajetórias na defesa das religiões de matrizes africanas.

Mãe Jane de Nanã, Mãe Rosângela de Ogum (Tia Rosa), Mãe Lúcia de Oxum, Pai Zezito de Oxum, Mãe Valdinéia de Oxum e Mãe Valéria de Obá abrilhantaram o evento promovido e transmitido em tempo real e trouxeram relevantíssimas contribuições para o conteúdo deste livro e ao lado de Mãe Isabel de Oyá, de modo que merecem todo agradecimento e todo mérito na concretização do projeto e de seus objetivos.

Com o axé e a bênção dos Orixás, com a sabedoria reunida ao longo de anos de vivências de terreiro, com a amizade, apoio e colaboração de suas parcerias e na esteira de sua ancestralidade e raiz negra, o Ilê Omin Lorê Axé Pavuna tem a honra de apresentar *Omin Lorê - Águas que trazem felicidade: A beleza da vestimenta sacra das Yabás*.



Acompanhe a roda de conversa promovida pelo Ilê Omin Lorê Axé Pavuna no dia 11 de setembro de 2022 em nossas plataformas digitais apontando a câmera do seu celular para os Qr Codes abaixo:

 YouTube



 Spotify®





Vestimentas Sacras das Yabás do Axé Pavuna



Introdução

Omin Lorê, do Iorubá “Águas que trazem felicidade” é expressão que dá nome à casa de axé fundada pela Sra. Maria Isabel Vitorino, conhecida como *Oyá Guerê, griot*, iniciada pela *Mametu Dineuí* (Adélia Alves da Silva) na Nação Angola, Axé Goméia, em 17.01.1976.

Com o falecimento de sua Mame-tu, Mãe Isabel foi acolhida pelo Babalorixá Paulo de Iansã, conhecido como Paulo da Pavuna, na Nação Ketu, Axé descendente do Axé Oxumarê, Salvador - BA. No dia 24 de Janeiro de 1999, Mãe Isabel toma sua obrigação Odú Ijê (sete anos) no Axé Pavuna pelas Mãos de Pai Paulo. Seis meses depois, Mãe Isabel recebeu o posto de Iyá Irú Odé (posto para o Oxóssi da Casa).

Com falecimento do Pai Paulo da Pavuna, seu filho e sucessor do Axé, Pai Kill de Oxóssi conduziu a obrigação de 14 anos (Odun Iká) de Mãe Isabel de Oyá, plantando o Axé Omin Lorê. Assim, Mãe Isabel de Oyá recebe o posto de Iyalorixá.

O Território Tradicional é consagrado à Oxum, representante do Axé, embora a Iyalorixá seja filha de Iansã. A casa é dedicada ao culto do candomblé, de Nação Ketu, do Axé Pavuna – RJ.

Omin Lorê é também o título da presente publicação que, na benção das águas sagradas, propõe realizar importante missão de apresentar ao público as Ya-

bás – Mães Ancestrais Rainhas das Águas – através das vestimentas sacras tradicionalmente utilizadas por essas Orixás.

A indumentária ritual conta um pouco das lendas oralmente transmitidas aos adeptos do culto e trazem elementos de distinção das qualidades dessas Yabás e da posição hierárquica dos fiéis que emprestam seus corpos para manifestação dessas divindades, vestindo seus trajes e ornamentos sagrados.

Tais conhecimentos foram objeto da roda de conversa realizada na sede do Ilê Omin Lorê Axé Pavuna no dia 11 de setembro de 2022, quando se reuniram importantes lideranças parceiras – griots – que por sua sabedoria abrilhantam e enriquecem ainda mais o conteúdo deste livro.

É importante registrar que as informações e considerações que constam das páginas a seguir derivam da experiência e das memórias transmitidas pelos Zeladores e Zeladoras que participaram da roda de conversa e de todas as referências assimiladas em seus fazeres e saberes, nas suas práticas, concepções e crenças acerca do tema.

Deste modo, esta não é uma publicação com pretensões acadêmicas ou teológicas e nem uma crítica àqueles e àquelas que professam sua fé de modos diversos ou que possuam práticas deriva-

das de outros fundamentos e ritos.

O conhecimento que fundamenta as práticas das religiões de matrizes africanas em geral e do candomblé em especial se adquire na prática; se apreende na vivência de terreiro. Um livro escrito, neste sentido, não é mais do que um registro dessas práticas que são essencialmente orais, múltiplas e diversas.

Nesta toada, as informações e conhecimentos abordados nas linhas a seguir são retratos da história viva, que pulsa nos corações e mentes dos griots que integram este projeto e que segue dinâmica e pulsante nas suas casas, terreiros,

corpos e axés.

Uma pequena parcela do que esses *griots* puderam ver na prática, construir coletivamente em suas comunidades tradicionais, apreender com seus mais velhos e que até hoje carregam de suas raízes ancestrais é a fonte dos escritos deste livro.

Com a permissão e proteção do Senhor do movimento, da comunicação e dos caminhos, convidamos o leitor para esse passeio no território da beleza das águas ancestrais, pelo veículo das vestimentas sacras tradicionais das Yabás.



Mãe Isabel de Oyá



CAPÍTULO 1: APRENDIZADO COM OS MAIS VELHOS

No contexto colonial brasileiro o povo preto escravizado não abandonou suas origens. Não esqueceu seus ancestrais. Essa resistência aconteceu apesar do colonizador, da escravatura, da catequese e de toda sorte de violências impostas aos negros.

A fortaleza e persistência da memória, das crenças, valores e modos de vida pertencentes aos africanos e negros brasileiros escravizados foi possível graças à união de tradições de origens diferentes.

Dentro de um mesmo culto foram reunidos orixás cultuados em diferentes partes da antiga Costa da Mina. Assim também aconteceu com voduns do antigo Reino do Daomé e os nkises, tradicionalmente cultuados pelos povos bantu de origem Angola-Congo. A reunião de tradições diversas fez surgir as conhecidas nações do candomblé, religiões brasileiras de matrizes africanas que herdaram os modos de vida, a cultura e a visão de mundo de seus antepassados africanos.

O culto aos ancestrais divinizados e as energias da natureza puderam se reinventar em território brasileiro graças ao conhecimento trazido pelos africanos vítimas da escravização. Aqueles que, sequestrados, cruzaram o Atlântico são a

fonte primeira de complexos sistemas de crenças, práticas e costumes que fundamentam os diversos candomblés.

Por isso, esses primeiros africanos que chegaram ao Brasil colonial foram fontes da tradição passada de forma oral até os dias atuais. As transformações naturalmente sempre fizeram parte desse percurso. Mas a atenção aos fundamentos e aos ensinamentos passados pelos mais velhos segue sendo a base do aprendizado nos terreiros.

Os territórios tradicionais de matrizes africanas são por excelência espaços de resistência e de aprendizado das tradições afro-brasileiras. No terreiro se aprende sobre canto, dança, percussão, culinária, artesanato, ervas e um complexo sistema de ritos, sempre ancorados nos ensinamentos dos mais velhos.

Assim também funciona o aprendizado sobre o vestuário típico dos terreiros, seja para uso cotidiano ou para uso ritual. Mãe Isabel de Oyá, falando sobre o valor dos antigos relembra que o propósito deste livro é *“homenagear as mulheres e as vestimentas das nossas Yabás, nossas mães ancestrais, (...) também fazer homenagens a Ialorixás, Ebomis, Donés, Mametus, mulheres que sempre se vestiram tipicamente à altura da cultura de matrizes*

africanas; um aprendizado que foi cultivado dentro dos axés, deixado pelos nossos mais velhos”.

Neste sentido, Mãe Isabel explica que seu aprendizado se deu no contexto de terreiro, quando pôde presenciar todo o capricho com que eram confeccionadas as vestimentas sacras. Conta que os antigos dificilmente compravam itens de indumentária sacra do candomblé que era, como regra, integralmente confeccionados dentro do terreiro.

Havia uma crença dos antigos de que as roupas rituais “*não podiam passar pela encruzilhada*”, algo que favorecia que as confecções existissem com mais frequência dentro dos próprios terreiros. As roupas eram feitas de uma forma singela, mas muito caprichosa. Não havia grandes luxos ou acesso a técnicas e materiais sofisticados na produção das vestimentas sagradas.

Embora mudanças ocorram ao longo dos anos, ainda há candomblés que se mantêm deste modo, com a confecção de seus próprios itens de indumentária sagrada, assim como faziam os seus mais velhos. É o caso dos espaços sagrados geridos pelos griots que participaram do projeto *Omin Lorê*.

É necessário concluir, portanto, que buscar entender a tradição, pela perspectiva de quem a cultua, é necessariamente ouvir aqueles que obtiveram o conhecimento mais próximo da fonte, aqueles que carregam os fundamentos originais do candomblé.

Neste sentido, não poderiam ser omitidas neste livro as grandes referências para os saberes passados por Mãe Isabel de Oyá; importantes lideranças do candomblé, como a Iyá Mimi de Nanã, uma mulher que costurava e confeccionava as roupas de seus filhos e demais membros da comunidade, assim como a Mãe Alme-rinda de Oxum.

Homenagens também à Iyá Nintinha que a todos encantava quando emprestava seu corpo para manifestação de Oxum na sala de candomblé, sempre trajada de forma bela e impecável. Neste sentido também a Iyá Márcia de Oxum.

Outra importante referência é Mãe Beata de Iemanjá que além de notável por seus trajes, foi importante liderança política na militância dos direitos humanos, representando os povos de matrizes africanas nas mais diversas instâncias.

Justas homenagens também a Mãe Marina de Ossaim e Mãe Lindinha de Oxum, mulheres envolvidas na iniciação de Mãe Isabel de Oyá e das quais colheu grande parte de seus aprendizados.

Mãe Meninazinha de Oxum, Ebomi Iraci de Iansã, Mãe Iara de Oxum, Doné Elena de Dan e Mãe Jurema de Iemanjá dentre muitas outras mulheres talentosas costureiras e artesãs que transmitiram seus conhecimentos a muitas gerações de filhos de santo e que seguem sendo fonte de conhecimento dos fazeres de muitos candomblés no Rio de Janeiro e do Brasil.

Assim, é através das memórias e

do aprendizado vindo dos mais velhos, dentro do contexto dos terreiros que se pode aprender algo sobre a indumentária sacra. Esse livro é um pequeno registro desse complexo de saberes, transmitidos

de forma oral, sobre confecção, composição, estética e crenças relacionadas às vestimentas das Yabás.



**Adélia Alves da Silva -
Filha de Oxum.**
Sua digina Mameto Dineuy filha de Santo do Tateto Sr João da Goméia. Sua roça ou casa do santo ainda existe na Rua General Rondon, 343, bairro Santa Eugênia, Nova Iguaçu (RJ).



Pai Paulo da Pavuna



CAPÍTULO 2: Breve Histórico

Como tratado anteriormente, o aprendizado no terreiro tem suas bases firmadas nos costumes e práticas africanas, naquilo que os antepassados puderam ensinar. No entanto, isso não significa que os candomblés não sejam religiões brasileiras, gestadas e organizadas no contexto da diáspora do povo preto.

Essa brasilidade do candomblé impõe marcas nos fazeres e saberes dessas religiões. A indumentária sagrada também traz marcas dessa história em sua composição. Assim, a vestimenta sacra das Yabás é resultado das influências culturais que constituíram o candomblé.

A raiz africana desses trajes pode ser identificada também pela comparação com os trajes tradicionais contemporâneos dos povos africanos que compartilham a ancestralidade com o candomblé.

O uso do Ojá, torço, turbante, o pano da costa, os fios de contas, brincos, Idés (pulseiras) e a combinação de diferentes cores e estampas com seus particulares significados, por exemplo, são elementos que atravessam gerações brasi-

leiras e africanas e resistem como marcas das identidades negras tradicionais.

Vejam nas imagens a seguir, os traços da indumentária que resistiram tanto no Brasil como em África. Em primeiro lugar um exemplo de vestimenta tradicional Iorubá utilizada contemporaneamente na Nigéria¹, própria para ocasiões festivas - imagem 1:



Imagem 1

¹ Disponível em <https://vovworld.vn/en-US/cultural-rendezvous/nigerian-traditional-attire-754489.vov>

Não só a indumentária iorubá é determinante nas roupas utilizadas no candomblé. Vejamos um exemplo de uma forma tradicional do povo Fon do Benin² na imagem 2.

Também é sensível e determinante a influência das culturas de povos bantu que compunham os primeiros contingentes de negros chegados no Brasil. Merece

destaque, neste sentido, modos tradicionais Bantu, como os panos Bessanganas³ da Ilha de Luanda - imagem 3.

Esses traços culturais tem matrizes semelhantes às do Candomblé, matrizes que seguiram caminho próprio em terras brasileiras. Imagens históricas do Candomblé, mostram o traço africano que se perpetua em seus modos de vestir.

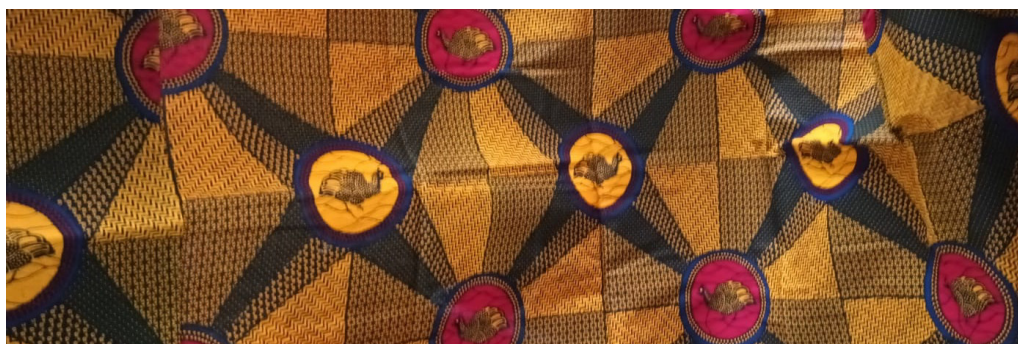


Imagem 2



Imagem 3



² Disponível em <https://www.combonimissionaries.co.uk/index.php/2017/11/22/benin-the-fon-marriage/>

³ Disponível em <https://www.facebook.com/kimboAngolaFeiticeira/posts/2546081932121457/>

No entanto, a influência portuguesa é também importante na composição da indumentária do candomblé brasileiro, com destaque para o uso de anáguas, rendas e bordados. A assimilação destes elementos da indumentária do colonizador tinha uma função estratégica, que merece ser lembrada.

Como ensina a Mãe Rosângela de Ogum (Tia Rosa):

“As nossa Yabás, elas tem que usar as roupas de sinhazinhas. Mas aí vem um mais velho e fala assim: Olha só, isso aí tem uma história. Por que isso? Infelizmente precisava-se fazer dessa forma para ser olhado com um pouquinho mais de benevolência. Para ser aceito, vamos dizer assim, por essa sociedade branca racista. Para aquelas senhoras se verem representadas. Porque as nossa Yabás nunca se vestiram daquela forma e nem se vestirão. Mas, no mundo novo que é o Brasil, onde foi realmente fundado o candomblé, era preciso ser dessa forma. Candomblé é uma nação brasileira. África é diferente.”

Logo, a assimilação de elementos da cultura portuguesa e de outras referências europeias era uma estratégia de sobrevivência das culturas de matrizes africanas, que desde sua origem no Brasil percorre caminhos estratégicos para resistir.

A história, então, deixa marcas na identidade estética do candomblé.

De um lado, essas marcas contam a história de resistência, mas também nos relembram das violências a que o povo preto foi submetido, ao precisar camuflar e esconder a expressão da sua fé e da sua ancestralidade.

O uso de alguns elementos dessa herança branca do candomblé, como os tecidos de bordado *richelieu* despertam algumas questões sobre tradição e ancestralidade. Nessa reflexão, Iyá Lúcia de Oxum mostra o seu ponto de vista:

“Hoje podemos usar nossas roupas realmente ancestrais. Podemos sair na rua com nossas roupas africanas nossos tecidos. Muito lindo o richelieu, mas é herança europeia. Roupa de ração e blusa de crioula vêm da senzala. Richelieu vem do salão”

Neste sentido, os modos de vestir do candomblé e, por consequência, a indumentária das Yabás são resultado de uma construção histórica, movida pela força dos antepassados negros, seus costumes e sua luta.



CAPÍTULO 3: AS YABÁS

A cultura Iorubá tem marcante influência nas práticas e fazeres do conjunto de expressões afro-brasileiras. O povo Iorubá trouxe o seu sistema de crenças dentro de uma diáspora mais recente para terras brasileiras, cujos maiores contingentes populacionais chegaram em meados do século XIX.

Assim, o culto aos orixás iorubanos se espalhou e deixou marcas nas diversas manifestações religiosas afro-brasileiras e especialmente no que ficou conhecido como Candomblé Nagô, representado principalmente pelas nações Ketu, Jeje, Ijexá e Efon, Angola, mas também influenciou a umbanda, Xangô, Xambá e diversas outras religiões afro-brasileiras.

Das centenas de orixás cultuadas

na atual Nigéria, alguns cultos se destacaram e compuseram o candomblé iorubá brasileiro. Esse é o caso das Yabás, grandes Mães ancestrais, vinculadas às forças das águas e outras energias da natureza, às expressões diversas do feminino, da força e potência das mulheres.

Oxum, Iemanjá, Oyá e Nanã são as Yabás mais amplamente conhecidas e que foram destacadas para atenção dessa obra e da roda de conversas realizada no dia 11 de novembro de 2022 na sede do Ilê Omin Lorê Axé Pavuna.

A essência matriarcal dos candomblés está muito relacionada à sabedoria e conhecimentos emanados dessas Mães Ancestrais, aos seus domínios da natureza e aos arquétipos femininos que suas figuras representam.



Imagem 4

Mãe Isabel de Oyá, falando sobre Oxum, nos ensina que ela “é dona da fecundidade das mulheres, a Deusa mais bela e sensual, mulher faceira, mulher dengosa, dona das cachoeiras, são os lugares prediletos de Oxum, água doce, as nascentes, as lagoas...Seu símbolo: O abebê, um leque com espelho; saudação: Ora ieie ô fiderioman. Oxum é a mulher mais pura, a mais bela, a dona do ouro, a dona da riqueza, a dona do amor”. Com essas qualidades e esse axé, Oxum é mãe do Ilê Omin Lorê.



Yabá Oxum



Yabá Iansã

Outra importante divindade feminina é a Yabá Iansã, Orixá para quem foi iniciada Mãe Isabel, que com emoção, explica que Oyá, ou Iansã, “Quando nova viajou por muitos reinos e foi a paixão de muitos Reis. Orixá que acompanhou Ogum para guerrear. Seu dia Quarta feira, seus símbolos a espada e o eruxim. Os elementos o ar em movimento, o vento e o fogo. Sua comida predileta: o acará, a bola de fogo. Saudação: Eparrei oyá messan orum. Essa é a minha mãe meu orixá que amo mais que tudo na minha vida. O único medo de ir embora desse mundo é saber que não vou mais servir esse orixá”.



Também se destaca no Brasil o culto a Iemanjá. A crença nessa Yabá gera um sistema de símbolos e ritos que vai bem além da esfera dos candomblés e mobiliza a amplos setores cultura popular e tradicional. No Brasil foi relacionada às águas do mar e relacionada à proteção dos pescadores.

Mãe Isabel conta que é “*Odoyá, sua saudação. Mãe Iemanjá é a mãe que acalma, que acalenta e acolhe...É a rainha do Mar. Também é Mãe do Rio. Símbolo: Abebê. Seus adornos, conchas e Búzios. Mãe cujos filhos são os peixes. Mãe Iemanjá, protetora dos pescadores. Mãe Iemanjá, alimenta, cura e protege. Iemanjá é mãe de Exu, Mãe d’Ogum, Mãe de Oxóssi, Mãe de Xangô... Iemanjá criou Obaluaiê. Mãe Iemanjá é aquela que é Mãe. E Mãe Iemanjá é dona de todas as nossas cabeças. É Iya Ori. Odoyá.*”.



Yabá Iemanjá



Yabá Nanã Buruku

Finalmente, não poderia ficar de fora a menção e justa homenagem à mais velha de todas as Yabás, Nanã Buruku, que também é um dos Voduns supremos dos Daomeanos. Reza a lenda que a Avó Nanã foi quem deu o barro, que serviu de material para que Oxalá criasse a humanidade. Saluba é a saudação dedicada a essa Orixá, que reina na lama, nas águas salobras e turvas. “Nanã é orixá relacionado com a lama, seu domínio, as águas paradas, pântanos e terras úmidas. Nanã Deusa dos mistérios, da sabedoria, é chamada de nossa avó, seu símbolo, o ibiri”, como ensina Mãe Isabel.

Essas quatro Yabás são algumas das divindades femininas com culto originário em África. Seu culto no Brasil é mais proeminente por envolver não só os Candomblés, mas também outras religiões como a Umbanda, o Batuque, dentre outros. As expressões diversas de culto a essas Yabás abrangem diversas manifestações da cultura popular.

Assim, as Yabás eleitas para homenagem e compartilhamento dos saberes sobre suas vestimentas sagradas têm grande representatividade para a cultura brasileira, são ícones e símbolos da resistência, persistência, coragem, cuidado e beleza das divinas mulheres negras.



CAPÍTULO 4: Traços da indumentária tradicional

As vestimentas e panos sagrados são usados na rotina de qualquer casa de candomblé. A reconstrução de um modo africano de vida engloba todos elementos da convivência dos iniciados, sendo as vestimentas um traço essencial dessa ritualística.

Quando o membro da comunidade de axé chega em seu território sagrado, em geral, sua primeira tarefa é vestir trajés adequados. A roupa integra a experiência desse espaço tradicional.

Nas funções de rotina e internas das casas de candomblé frequentemente os adeptos inseridos nestes fazeres trajam suas roupas de ração, vestimentas mais simples e adequadas às tarefas do dia a dia de uma casa.

As roupas de ração têm a cor branca como predominante. No caso das vestimentas femininas, objeto deste escrito, são conjuntos compostos por camisú, uma blusa simples ou com enfeites de sianinhas ou fitas; o calçolão, espécie de calça larga amarrada por cordão na cintura; a saia de poucas rodas, para facilitar a movimentação e o pano da costa.

Em geral, a zeladora do espaço, nestas funções internas e rotineiras, também usa o pano de cabeça (o ojá) amarra-

do de formas e com significados diversos, que também compõe a sua roupa de ração.

As famosas “baianas” trajam suas saias coloridas, enfeitadas de fitas, sianinhas, bicos e bordado inglês; camisús de bordados diversos, saias rodadas, com saias quebra-goma e anáguas, bordas e entremeios de rendas e bordados, *rechilieu*, *guipir* e *lese*, enfim, utilizam estes elementos que agregam luxo e beleza às roupas tradicionais. Esse elementos, enfeites e detalhes são reservados para pessoas iniciadas com determinados postos na hierarquia e utilizadas especificamente para ocasiões festivas, solenes e em atos públicos.

Os torços em suas diversas técnicas e formatos também são elementos vitais da indumentária feminina, e possuem grande destaque na composição das “baianas”.

Todo esse arcabouço de referências diversas e de uma tradição preservada a duras penas pelas mulheres do axé trazem os elementos principais utilizados também na construção das vestimentas sacras das próprias Yabás.

O uso da roupa de uma Yabá, como a de qualquer Orixá, é reservado aos

iniciados em momentos certos e quando em manifestação da divindade, quando o axé possibilita que o Orixá venha em terra e possa se apresentar à comunidade.

Portanto, estas vestes – conhecidas como roupa de gala para a côrte dos Orixás – são sagradas, só podem ser utilizadas pelo próprio Orixá.

Mãe Isabel de Oyá conta, que em seu aprendizado de costura, já nas primeiras peças que costurava para sua amada Oyá, ela invocava e pedia a ajuda da própria Iansã, que a inspirava na confecção da sua roupa, mostrando que a indumentária de Orixá é sagrada desde a sua criação.

Muito desse aspecto sagrado é também secreto. Mãe Isabel ensina que *“a roupa tem um segredo”*, que se traduz nas escolhas das cores, materiais, tecidos e diversos detalhes que revelam importantes significados para os iniciados em cada tradição de axé.

Por essa razão, as roupas sagradas exigem uma série de cuidados, que são apreendidos, assimilados e transmitidos dentro das vivências de terreiro. Em geral, pode se dizer que as equedes são aquelas incumbidas de prestar uma série de cuidados ao orixá incorporado, inclusive os ofícios relacionados às suas vestimentas.

É preciso dizer que há uma variedade imensa de composições possíveis e que dependem não só dos próprios costumes de cada família, mas também das qualidades do Orixá em questão, pois não existe apenas uma forma de se cultuar e

nem apenas uma qualidade de cada uma das Yabás.

Em Omin Lorê, Mãe Isabel de Oyá produziu a composição de quatro Yabás especialmente para a edição deste livro, que exemplificam os elementos da vestimenta sacra dessas Orixás.

Deles destaca-se alguns dos elementos mais gerais que são empregados na maior parte dos axés, a exemplo dos laços ou laçarotes, que é um pano que se traz laçado junto ao peito do orixá.

Há uma variedade de formas de laços que variam conforme a qualidade do orixá. Adiante, destaques de Oxum, Oyá, Iemanjá e Nanã nas composições de Mãe Isabel de Oyá.



Além dos Laços, necessário também destacar a importância do ojá, que é um tipo de torço usado para proteger a

cabeça, também presente na maior parte dos trajes utilizados pelas Yabás.



Além destes elementos, indispensável destacar o uso das saias quebra-gomas e anáguas, que conferem volume e imponência à vestimenta das Yabás.

O que chamaríamos de adornos e enfeites também estão presentes nessa indumentária sacra. Nesse sentido, necessário destacar também o uso dos ides, argolas metálicas utilizadas nos pulsos, como pulseiras. Em geral as cores cobres relacionadas à Oyá, em ouro relacionadas à Oxum e prata, à Iemanjá.

Destaques para o uso de jóias e ornamentos preciosos especialmente para a Oxum, cujo metal consagrado é o ouro. Por outro lado a avó Nanã costuma agregar à sua indumentária enfeites de búzios e conchas.

Destaque também às fitas e franjas de cetim aplicadas aos diversos tecidos

empregados na composição da indumentária das Yabás, assim como as rendas e entremeios de diversos materiais, como pode ser visto na imagem 4 anterior.

Há ainda os famosos adês, espécie de diademas com franjas que cobrem o rosto, simbolizando verdadeiras coroas dessas Mães ancestrais que são vistos de forma geral na indumentária das Yabás. São elementos dos mais característicos da representação de Orixá e agregam beleza e mistério à indumentária sacra.

Portanto, são muitos e variados os detalhes a serem considerados na composição da vestimenta de Orixá. São também muitos os conhecimentos e segredos que guardam essa tradição que resistiu a séculos até chegar aos nossos dias e se revelarem, ao menos em pequena parte, ao grande público.



Mãe Valéria de Obá, Mãe Isabel de Oyá e Mãe Valéria da Oxum na lavagem da Sapucaí de 2022



Adê do Axé Pavuna



CAPÍTULO 5: BELEZA ABENÇOADA NAS ÁGUAS ANCESTRAIS

Oxum, dona de Ilê Omin Lorê, é também a dona de toda beleza. A beleza de Oxum é cultuada como a beleza divina. É a própria beleza, não a vaidade. É aquilo que cativa por ser belo, por ser puro e verdadeiro.

Essa é a beleza que se cultua dentro dos terreiros. E que emana não só da própria Oxum, mas de todas as Yabás. Todas as Mães Ancestrais expressam a variedade e as potências da mulher negra diaspórica.

O estado de beleza é celebrado e é valorizado no contexto dos candomblés. Não há pecado nem desprestígio pelo que é belo e se manifesta na música, na dança, na alegria e também na indumentária. Pelo contrário, Orixá requer alegria, requer beleza e respeito às tradições. Não é por outra razão que os Orixás merecem a homenagem e a dedicação que se mostra no candomblé e se emprega também para com a indumentária sagrada.

A rotina de uma casa de candomblé envolve muita dedicação. Assim também ocorre com as vestimentas sacras. Além dos processos sensíveis que envolvem a “escolha” da roupa de orixá, também são relevantes os saberes envolvidos nessa ação. Também os fazeres e toda a ri-

tualística adequada do processo artístico e sagrado da costura.


A roupa de Orixá tem que estar bem passada, engomada, transportada e guardada de forma adequada. Esses cuidados são parte do exercício da fé no Orixá. O ato de cuidar dessas vestimentas sagradas é um ato de religação com a divindade.

Esse culto das ancestrais resistiu a toda sorte de violências e segue resistindo. Mas a beleza e alegria de viver próprias da cultura afro-brasileira são quase inabaláveis. É o axé e a fé no Orixá que sustenta esse jeito de estar no mundo.

O projeto Omin Lorê buscou captar um pouco desse estado de beleza transmitida por meio da roupa sagrada das Yabás. Sobre os ombros de gigantes que esse livro pôde ser escrito.

Uma realização que contou com o apoio e compartilhamento de uma série de saberes expressos por griots que trouxeram de suas tradições parte de seus entendimentos, preferências, práticas e saberes alicerçados naquilo que aprenderam de forma oral em suas casas.

Esse escrito foi possível, ademais, pelo apoio e confiança empenhada pelo projeto Povos Tradicionais Presentes, via-



bilizado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, através de sua Secretaria de Cultura e Economia Criativa.

Acima de tudo, pudemos falar nesse momento sobre a indumentária das Yabás, porque o Candomblé é uma potência, é uma força que através da história pôde, de forma lenta, estratégica e gradual, se revelar e se estabelecer e que segue trilhando este caminho da resistência.

Na bênção das águas sagradas das Yabás, Omin Lorê lança esse escrito no mundo, na fé de que seja ele mais um

agente contra a intolerância religiosa e pelo fortalecimento da tradição de terreiro.

Ora ye ye ô fiderioman, Odojá omin ô, Eparrei Oyá messan orum e Saluba Nanã Buruku, que as Mães Ancestrais e suas águas de beleza e fé abençoem a todos aqueles que trouxeram o conhecimento até nós e a todos aqueles que o puderem levar adiante. Axé!

Babá mim Sr. Paulo da Pavuna, Mojubá. Babá mim Sr. Kill d'Oxóssi, Mojubá. Iyá mim Isabel de Oyá, Mojubá.



